

Zapatismo, uma alternativa para a esquerda?

Resumo:

Em 1994, no México, houve o levante dos índios de herança maia mostrando seu descontentamento com o Estado. Pegando em armas, foram os principais atores da grande marcha para mostrar suas idéias e objetivos. Considerados como rebeldes para tomar o poder, os anos de insurgência foram mostrando a particularidade do movimento e colocando em questão suas estratégias, que são diferenciadas para uma tomada de poder. Outro fator excepcional para se mostrar, é a guerra através da informação praticada pelos zapatistas desde o início de sua aparição, permitindo o apontamento dos principais paradoxos entre Estado e indígenas.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto Multidisciplinar
Curso de Licenciatura em História.

Leandro Machado de Souza

Zapatismo, uma alternativa para a esquerda?

Nova Iguaçu
2010

Leandro Machado de Souza

Zapatismo, uma alternativa para a esquerda?

Monografia apresentada ao Curso de História como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro.

Orientadora: Professora Doutora Graciela Bonassa Garcia.

Nova Iguaçu
2010

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Graciela Bonassa Garcia (Orientadora)
Instituto Multidisciplinar – DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Prof. Dr. Alexandre Fortes
Instituto Multidisciplinar – DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Prof.^a Dr.^a Surama Conde Sá Pinto
Instituto Multidisciplinar – DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

O término da graduação não representa o fim da linha, mas sim o final de uma etapa e o início de novos rumos, ou seja, representa apenas o fim de um ciclo. Foram anos maravilhosos que contribuíram muito para o meu crescimento intelectual e para a minha visão de mundo, ou melhor, de mundos por conta da heterogeneidade do ser humano.

De acordo com alguns professores, uma monografia ou qualquer trabalho de curso que tenha uma vasta lista de agradecimentos é interpretada como um verdadeiro trabalho de parto. Creio até que isso possa ser visto desta forma, porque considero que este momento nada mais representa a culminância de um objetivo, de um sonho alcançado. Levo em consideração também que uma lista de agradecimento extensa é um real gesto de gratidão, pois nenhuma vitória se constrói sozinho, por isso a necessidade de ressaltar a valiosidade de cada ser que fez parte desta árdua e longa caminhada.

Já em primeira mão agradeço a Deus por todas as dádivas que me concedeu e já de antemão afirmar que Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. Não poderia ficar de fora do primeiro agradecimento os meus pais, figuras preponderantes e ativas diretamente para a realização deste sonho. Agradeço aos senhores Ledio Geraldo e Lucia Helena que muitas vezes ao longo da vida se privaram de seus desejos para fazer com que eu tivesse a oportunidade que eles não tiveram, e nos momentos mais atribulados para que eu pudesse ingressar numa instituição pública de ensino superior abdicaram de suas vidas para que a minha trajetória não tivesse fim. Bem mais do que eu, vocês são merecedores desta vitória e por terem me dado um ótimo lar, que é um fator primordial para qualquer sucesso.

Como esta realização nunca será considerada pessoal ou individual, não posso cometer a indelicadeza de não falar de uma das pessoas que mais amo nessa vida e tem uma importância ímpar na minha vida, Vanessa Oliveira. Minha melhor amiga e meu refúgio para todas as horas. Essa longa caminhada não seria possível sem seu apoio, torcida e companheirismo ao longo do cotidiano traçado pelos estudos e dificuldades. Suas palavras e gestos serviram de luz para iluminar caminhos às vezes tão tenebrosos, não só dentro da Rural, mas no sentido dos próprios empecilhos da vida que se fazem conhecidos na vida de qualquer mortal. A ti vai meu coração e meus eternos agradecimentos.

Meu afeto se estende aos professores da UFRRJ-IM que são: Alexandre Fortes, Marcos Caldas, Roberta Lobo, Roberto Guedes, Surama Conde e Marcello Basile. Sem esquecer do professor Marcelo Rocha, que foi traçar sua trajetória acadêmica na UFF. Sou grato aos senhores por cada aula ministrada com compromisso e desejo de nos permitir uma ótima formação. Sou grato a cada orientação prestada e cada conversa de corredor ou na cantina, nos proporcionando também momentos de descontração e nos mostrando que ser professor não é ter uma postura de distanciamento do corpo formado pelos alunos. Aos senhores presto meu carinho e admiração.

Seria comum observar o nome do meu Orientador na lista acima, pois ele também é professor da UFRRJ-IM. Mas preferi deixar este posto de destaque para o senhor Vanderlei Vazelesk. Gostaria de agradecer cada “bronca” e cada gesto de mostrar preocupação com meu empenho acadêmico. Mais do que isso, deixo esse parágrafo exclusivo para mencionar que o senhor é mais que um Orientador, pois Orientadores vêm e vão, mas seu percurso de vida fica como exemplo e como símbolo de um verdadeiro guerreiro nos dando forças para nunca desistir dos problemas colocados diante de nós. “Gracias” não só pela formação, mas também pelo exemplo que és.

Ao mencionar o Instituto Multidisciplinar tenho que fortalecer a ideia que lá não fiz amigos, mas uma nova família. Foram anos de muita correria de estudos e avaliações, porém nos meandros da graduação tivemos momentos de extrema alegria e a afirmação de uma amizade que será levada pela vida toda. Muito me alegra saber que me formei com pessoas de tão grande talento e competência, isso me serviu para cada vez me empenhar mais para que não ficasse para trás e para que pudesse manter diálogos e acompanhar as idéias dos amigos Diego Caetano, Nelson Ferreira, Rita de Cássia e Vinícius Fernandes. Juntos experimentamos as alegrias e os dissabores da vida acadêmica, mas somos vitoriosos ao fechar nosso ciclo em tempo mínimo e com caminhadas de vida semelhantes.

O sonho de concluir o ensino superior não começa quando se adentra na instituição, mas sim quando se é vestibulando. E não poderia cometer o delito de esquecer de pessoas tão notáveis para que o meu ingresso fosse possível. Aos professores Sergio Trajano, Abner Sóstenes, Henrique Gaio e Adriano Feixo agradeço cada dúvida retirada e reitero que seria muito fácil eu falar que minhas referências são os grandes nomes das ciências humanas. Porém reafirmo que minhas referências são os senhores, pois sempre estiveram perto de mim me ampararam em todos os instantes. Ao

abrirem espaços em vossas aulas, vocês me deram a oportunidade de crescer um pouco mais. Não deixarem de fora a importância do curso pré-vestibular de fora. Minha gratidão se estende ao Curso Equipe e seu corpo de professores, sobretudo nas pessoas de Manoel Marra, Francisco Napolitano, Adriana Soares, Guilherme Vergnano e Alexandre Assis. Fica o meu carinho aos senhores pela paciência e a boa vontade em me mostrar às soluções nas disciplinas em que meu desempenho é menor e a dificuldade me assola.

Desde já mostro minha gratidão aos meus amigos de infância e aos meus primos que tantas vezes compreenderam que eu não podia estar com eles, devido ao meu plano de buscar cada vez voar mais alto. Agradeço ao apoio moral e a torcida sempre dispensada por vocês. Sintam-se vitoriosos juntamente comigo.

Agradeço a minha avó Neuza pelo carinho e pelas orações feitas tantas vezes para que este momento fosse possível. Tal postura foi semelhante no caso da minha tia Nair e da minha tia por adoção, Fátima Napolitano, que me trouxe para seu seio e fez de mim mais um ente.

Neste percurso pude intensificar o meu laço de amizade com o, agora engenheiro, Thiago Napolitano. Ao longo desses anos, mesmo sendo de áreas diferentes, muitos foram os momentos de estudos e diálogos com o mesmo objetivo: vencer na vida através dos estudos. Tivemos muitas alegrias e compartilhamos muitos sucessos, festas e baladas nesses anos. Quero aqui deixar claro que esta amizade foi primordial para este objetivo alcançado. Juntamente com ele, agradeço o valor que me fora dado pela turma 3003 do ano de 2009 do Colégio-Curso Equipe Grau. Vocês são de uma grandeza formidável para o meu alavancar profissional. Os vossos reconhecimentos e valorizações para com o meu lado profissional são de grande valia para o meu sucesso profissional. E bem mais que isso, vocês me valorizaram como humano e continuarão a ser meus amigos.

Fica por aqui minha singela lembrança e agradecimentos ao grupo de pessoas com quem tenho que compartilhar esse momento. Reconheço que muitas vezes tive vontade de desistir, pois uma graduação se faz com muito suor, ainda mais quando se trabalha. Mas se cheguei até aqui vencendo todos os percalços, foi para mostrar para meus primos nascidos na década de 1990 e para as gerações vindouras que é possível chegar ao objetivo traçado. Só basta acreditar e dar o primeiro passo.

Sumário

Introdução.....	1
Conjuntura Internacional.....	3
Capítulo I: Chiapas, uma realidade nada conveniente.....	8
Capítulo II: Levante indígena, antigas idéias e novos adeptos.....	14
Capítulo III: Zapatismo, a guerra sem o controle da informação	34
Conclusão.....	38
Referências Bibliográficas	40

Introdução

A escolha deste tema para o meu trabalho de final de curso é uma clara preocupação com a finalidade de difundir este movimento de tão grande monta. Ao me deparar com os noticiários de jornais impressos e televisivos, confronto-me com a realidade de um Brasil amplamente bombardeado por notícias vindas da Europa ou dos Estados Unidos. Sabemos muito mais sobre os fatos que acontecem no mundo europeu e americano do que com nossos vizinhos latinos.

Embora possa parecer clichê, mas o bem da verdade é que o Brasil parece ser uma ilha. Mesmo tendo dimensões geográficas continentais e uma cultura de traços semelhantes aos outros países da América Latina, o nosso país nos dá a impressão de ser totalmente longínquo das outras regiões como Argentina, Colômbia e México, só para mostrar alguns exemplos.

Promovendo leituras críticas dos exemplares do Jornal do Brasil na Fundação Biblioteca Nacional, desenvolverei argumentos de forma clara e lúcida para traçar os principais fatores que impulsionaram a insurreição em Chiapas. Lembrando sempre que as experiências vivenciadas no México em fins do século XX nos aproximam muito da similitude brasileira da mesma época. O desejo de se fazer uma nação que estivesse entre os maiores e o descaso com partes significativas da população, faz do México que adentra no modelo neoliberal no ano de 1994, palco de um grande acontecimento de repercussões internacionais: a insurgência dos indígenas sob a bandeira zapatista.

Ao observar o levante da cidade mexicana de Chiapas, entendemos o motivo de não divulgar para o grande público brasileiro o que acontece em nossos vizinhos: o medo de movimentos externos influenciarem as petições e movimentos internos. No caso do nosso objeto, que reivindica entre outros pontos a questão da terra, há o medo de se traçar ações semelhantes por parte do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no Brasil.

O levante dos índios chiapanecos já perdura por dezesseis anos e quase não sabemos sobre isso, não é um assunto muito explorado pela mídia, além disso poucos estudiosos americanos estudam o fenômeno. Ao observar a pequena bibliografia que se tem, vimos que poucos cientistas sociais o tomam como objeto. Se o trabalho sobre o movimento em si não tem sido muito frutífero, as análises teóricas para o entendimento

das manifestações sociais fazem do zapatismo um forte aliado para endossar as observações para as minorias. Neste ponto a gama de trabalhos se multiplica.

Nossa intenção é esclarecer alguns pontos obscuros para o entendimento das questões acerca do estopim da insurreição liderada pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Esclarecer para o leitor de forma sóbria as reais intenções dos insurgentes, bem como a posição do Estado em relação ao golpe inesperado e duradouro da manifestação social dos índios-camponeses.

O trabalho se apresenta em três partes. A primeira visa entender a realidade ao longo dos anos assistida pelo estado de Chiapas, Sul do México, local da marcha dos chamados “rebeldes”. Passaremos por pontos como cultura e economia que nos ajudarão a visualizar os anseios e da questão social. A segunda tem por objetivo mostrar as ações, petições e formas de resistência do EZLN em relação à política do governo mexicano. A terceira visa mostrar a novidade da guerra via Internet, mostrando que o zapatismo foi o primeiro levante a fazer uso da rede de comunicação para mostrar seus objetivos e críticas feitas ao Estado.

Conjuntura Internacional

O tumultuado século XX inicia sua década derradeira assistindo o período mais tenso da história do homem. O historiador Eric Hobsbawm chega a citar em uma de suas obras que, o século XX causou muito mais transformações para a humanidade do que desde o neolítico até o século XIX. Tais transformações trouxeram muitos benefícios para o homem, mas também deixaram o mundo em estado permanente de tensão mediante a iminência de um conflito armado sem precedentes.

O enfraquecimento de uma ideologia que nasceu ainda no século XIX e polarizou os debates políticos e ideológicos até o mais distante ponto do planeta, configurado em 1991 com o esfacelamento da então potência União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O fim da guerra fria, segundo muitos cientistas sociais, fez com que viéssemos a sair de uma época de dúvidas para uma de incertezas. Tudo se fez novidade. O capitalismo vitorioso como modelo econômico e a democracia liberal como vencedora política entram em uma nova realidade sem ainda entender se viveremos em uma atmosfera de rupturas ou continuidades.

A derrocada de um inimigo poderoso, mas que em seu final já não se mostra tão pujante assim, coloca as observações públicas para a construção de um novo inimigo. Desde a antiguidade criamos inimigos, como os romanos combatendo os bárbaros, a cristandade contra o mouro, a cristandade contra o judeu, assim como o capitalismo contra o socialismo. Mas como já não há mais o socialismo, vimos a criação de mais um inimigo de grande monta, o terrorismo.

Novas práticas de crítica à influência ocidental no mundo árabe contribuem para que a sua imagem fique vinculada contra aquele que quer levar a civilização ao seu povo. O fundamentalismo islâmico e sua propagação cada vez mais intensa promoveram uma nova missão para o mundo ocidental para repelir toda e qualquer atitude mais radical contra a interferência nos assuntos internos e influenciadores nesta região oriental. O petróleo, material primordial para as indústrias americanas e européias, é agora o grande tesouro a ser administrado. Mesmo que se legitime uma guerra ou uma invasão armada na região.

A expansão da religião islâmica não se deu somente em seus domínios, há uma ampla propagação dos seus praticantes pelo mundo. Tendo a figura religiosa concentrado poderes na mesma pessoa, ora sim e outras não, seus simpatizantes entram e saem de países com muita facilidade como qualquer outro turista promovendo uma série

de ataques de carros-bomba e até mesmo homens-bomba em diferentes partes do mundo por motivos que tangenciam tanto o político como o econômico. É a nova tática para ferir a moral do inimigo. Ataques meticulosamente planejados com alvos muito bem escolhidos, sendo de difícil previsão dos ataques para uma possível investida para deter seus feitores, pois se trata de células terroristas e não um Estado.

Presenciamos um reavivamento religioso, não só no mundo do islão, mas também no mundo cristão. Houve uma enorme gama de surgimento e intensificação de seitas religiosas, de nascer de novos ramos protestantes e uma renovação carismática no catolicismo. A presença do fim do milênio abalou a fé de muitos, causando um grande temor na crença que o fim estava próximo. Fosse pelos escritos sagrados bíblicos, fosse pelas profecias de Nostradamus. Não foram só os muçulmanos que cresceram em número de fieis, houve um reavivamento pentecostal pelos países americanos, quebrando todo um tradicionalismo religioso e implementando novas formas de cultuar.

O capitalismo que já havia se estendido até os confins da África e da Ásia, com a queda do modelo soviético, adentra em uma região que não fora de sua influência. O Leste Europeu passa a conhecer uma economia não mais planejada, mas sim de mercado. O território que ficou envolvido pela “cortina de ferro” possuía indústrias pouco produtivas e competitivas, mas com a derrocada do sistema de Moscou a região se viu aberta para a entrada do capitalismo, via a penetração das transnacionais provocando uma realidade nunca vista antes, o crescimento vertiginoso do desemprego e da inflação. É a nova fase do capitalismo, a globalização da economia, acirrando cada vez mais as disparidades entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento; é o aprofundamento da divisão internacional do trabalho. Marcada pela descentralização das grandes indústrias saindo do modelo tradicional e cada vez mais se dividindo, espalhando seus tentáculos para garantir produções mais baratas; são as transnacionais, empresas que atuam em outros países com faturamentos exorbitantes, pois o capital não tem nacionalidade. A nova fase do capital gerou problemas nos países sede das transnacionais, devido à busca de mão-de-obra mais barata e tão qualificada quanto à dos seus países, por conta de procura por pátrias com sindicatos mais desarticulados e leis ambientais inexistentes ou bem reduzidas.

Junto com a ampla internacionalização do capitalismo, a década de 1990 assistiu a grande explosão e a revolução nos meios de comunicação, a *Internet*. A criação de computadores com processadores cada vez mais rápidos, as linhas telefônicas cada vez

mais usadas com velocidades espetaculares, o fax e a telefonia móvel, contribuíram para que o capital e as informações circulassem cada vez mais rápido sem que fosse preciso a pessoa sair do lugar. Para aplicar nas principais bolsas de valores de qualquer lugar do mundo, bastava um telefonema ou um *e-mail*. Mas vale a ressalva que o avanço da tecnologia promoveu em muitos casos o fim de algumas bolsas de valores, promovendo a concentração nos principais mercados financeiros, haja vista a bolsa do Rio de Janeiro que literalmente acabou tornando a Bovespa a principal do Brasil. Meios de transporte e vias de acesso cada vez mais possibilitando a rapidez de circulação de pessoas. É a década do encurtamento do tempo e espaço. Nasce a partir daí uma sociedade que viria a ser cada vez mais bombardeada por informações sem que pudesse ter tempo para assimilá-las; é a sociedade do tempo real. Notícias sendo dadas com uma precisão incrível no instante em que acontecem – *in live* – como podemos lembrar da queda do Muro de Berlim em um caso bem pontual. Mas temos que ressaltar que mesmo assim ainda havia agências de notícias que, coligadas com o Estado, manipulavam notícias para dar algum ar de legitimidade de suas ações políticas, mas também para não gerar crises no mercado.

Muitos países adotam o modelo neoliberal para tentar sanar crises econômicas buscando soluções a partir da diminuição da gerência do Estado na economia. É o tempo do Estado mínimo. A venda de empresas que foram criadas e conservadas pelo Estado passa a ser considerada como primordial para seu avanço de sua economia. Consideradas como estorvo para o desenvolvimento, a solução foi desenvolver leilões para vendê-las a particulares, ocasionando assim a diminuição nos gastos públicos. Sérias e duras críticas viriam a sepultar o modelo keynesiano e a social-democracia nos países americanos, e a venda das indústrias dos novos países da Europa. Novas questões sociais se levantam, assim como a desregulamentação dos sindicatos e as leis trabalhistas, provocando sérios debates e atuações sociais para defender seus direitos.

Presenciamos a culminância do bloco econômico mais bem desenvolvido, a União Européia. Seu embrião fora criado ainda no pós-segunda guerra mundial para diminuir a influência dos Estados Unidos em seus territórios, mas o ponto mais alto da criação desse aglomerado de países com intensas trocas de mercadorias, pessoas e serviços só viria nos idos dos anos 90. A criação de uma moeda única, de um parlamento supranacional e as demasiadas privatizações colocaram em xeque uma instituição chave para todo esse processo, o Estado-nação. Muitos observadores conjecturaram que

entrávamos na década do declínio dos Estados como instituições jurídicas e políticas, bem como o fim do sentimento de nação por conta de construções de blocos econômicos e fins de folclores e uma internacionalização da cultura. Embora a aplicação do inglês nas escolas seja anterior à década analisada, este idioma vive um verdadeiro *boom* à medida que as escolas tornam cada vez mais intenso seu ensino, pois para operar os comandos da informática necessita-se do inglês técnico e as relações econômicas necessitam de entendimento de termos como *business*. Estados sofrendo intervenções de consultores de organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas ou a Organização Mundial do Comércio, mediando relações diplomáticas ou financeiras. Sem dúvida que a cultura dos mais diversos países sofreu interferências que nunca sofrera anteriormente. Decerto a cultura circula o mundo numa velocidade ímpar criando um amálgama, porém, mesmo com fenômenos recentes para sua época não podemos considerar que o Estado estava em falência por uma razão muito simples, toda e qualquer política que fosse adotada em qualquer instância, o interesse a ser defendido era o do Estado. Vimos o nascimento de uma moeda única para o bloco europeu acarretando em muitas partes da Europa o fim de suas moedas, salvando a exceção à libra inglesa, presenciamos a criação de um parlamento europeu, assistimos a aceitação de cláusulas para entrar na União Européia e a diminuição do papel do Estado, mas não a sua morte. Se no âmbito econômico e político o Estado-nação não morrera, como pensavam ou queriam muitos intelectuais, o fim da URSS nos apresentou a formação de novos países e o surgimento do neonacionalismo, contribuindo para a visão que o Estado não dava sinais de morte. Os novos Estados-nacionais fizeram surgir para o mundo nacionalidades – minorias - antes reprimidas por sistemas de governo autoritários que agora reivindicam suas emancipações como o caso dos tchecos, chechenos e kosovares para ficar só nestes exemplos. Nestes tempos houve uma atuação fortíssima de grupos organizados com a finalidade de promover a separação por meio da violência, como os casos dos bascos e do IRA, sendo na Espanha e na Irlanda respectivamente, mesmo reconhecendo que suas origens advém da década de 1960. Suas nacionalidades são pautadas em temas já conhecidos como religião, idioma e tradições, fatores vistos como ultrapassados como foram apresentados anteriormente, mas que mais uma vez se fazem presentes e vivos. Presenciamos o questionamento dos chechenos para sua libertação da Rússia e a limpeza étnica perpetrada por Slobodan Milosevic na região balcânica. É a década do reflorescer do nazismo acrescido da partícula *neo*, retomando os ensinamentos de Hitler pela Europa,

sendo que, ampliando os alvos, não só condenando judeus. É o xenofobismo como fenômeno de repulsão ao estrangeiro, por conta do receio de roubo de postos de trabalho, cada vez mais difíceis por conta da saída das grandes empresas e por conta do desemprego estrutural cada vez mais em voga. É o decênio da formação dos blocos econômicos, mas não permitindo a livre circulação de pessoas como no caso do NAFTA, ou dificultando cada vez mais a entrada de latinos, americanos e asiáticos na Europa.

Os últimos dez anos do século XX nos trouxeram transformações importantíssimas para entender o objeto a ser explorado neste trabalho. Temas que já foram ventilados anteriormente são assuntos cabais que perpassam o olhar das etnias e seus levantes em qualquer parte do mundo. A escolha do levante indígena mexicano se dar não por ser um trabalho pioneiro, mas sim por haver poucos cientistas sociais estudando o tema e, em sua maioria são sociólogos ou antropólogos. Porém nosso objetivo será uma contribuição vista de um olhar histórico, procurando elucidar um movimento cujos efeitos são vistos até os nossos dias.

O levante indígena mexicano se insere nessa teia de fatores já pontuados e dignos de maior observação, pois entramos em uma nova década, mas não sem os reflexos de uma década desastrosa para este país, a década de 1980. Muitos problemas observados no México não fora só de sua exclusividade, inúmeras manifestações de cunho político e social explodiram em todas as partes da América Latina por causa de motivos dos mais variados. Porém, o levante zapatista é um produto singular da realidade mexicana.

Ao findar esse breve panorama sobre a década de 1990 trazendo os mais variados fenômenos que provocaram grandes turbulências nos aspectos sociais, econômicos e políticos no mundo estaremos iniciando uma melhor observação do tema de nossa discussão ao analisar as principais características do estado de Chiapas, local em que se descortinou para todo o mundo o movimento social tendo os índios como principais atores através de um levante armado.

Chiapas, uma realidade nada conveniente

A região que nos interessa por ser palco do conflito a ser debatido com mais vagar posteriormente, nos apresenta desde a sua formação, uma história muito conturbada. Processos históricos envolvendo avanços e retrocessos dos mais variados possíveis em torno do pensamento político, ou seja, da emancipação passando a uma monarquia e se tornando mais tarde uma república, também nos convida a observar seus mais diferenciados atores sociais e aspectos econômicos e ideológicos. Quando Porfirio Diaz mencionou a proximidade do México com os Estados Unidos - “Pobre México, tão longe de Deus e tão perto dos EUA!” -, ele deveria falar que pior sorte teria Chiapas.

A formação do que hoje conhecemos como o Estado de Chiapas se configura no processo de independência latino-americano e as novas formações dos Estados-nacionais do século XIX sob a liderança nacional de padre Hidalgo e Morelos, que tiveram seus nomes grafados na história mexicana e receberam a homenagem de ter duas Unidades Federativas com seus respectivos nomes.

Enquanto diversas regiões mexicanas tiveram suas emancipações forjadas no amplo apoio popular envolvendo embates violentos, Chiapas se diferencia por não ter pertencido ao grande cenário de lutas armadas por conta da própria emancipação não ter sido desejada pelos comerciantes monopolizadores, e muito menos uma força beligerante atuante, como por exemplo, no caso de Nova Espanha.

Os motivos que serviram de força motriz para a autonomia de Chiapas foram a necessidade de se estabelecer um corpo de deputados na Corte de Cadiz e a reivindicação da separação de Guatemala. Mas o fator que mais chama a atenção desde a sua gênese é a petição de doze “becas” para os índios – significa a possibilidade de estudar no Seminário tridentino da Cidade Real - e a liberdade de comércio nos rios de Chiapas e Ocosingo¹. Tal fato mostra como a questão indígena já se manifestava desde a criação com a própria presença do índio como sujeito para manifestar suas posições, fazendo valer sua voz na sociedade, mas também podemos verificar parte do processo de aculturação dos indígenas pela educação aos moldes do europeu. Isto nos mostra como o índio chiapaneco serviu-se da educação “branca” para lançá-la contra o sistema e também negar as organizações ligadas ao Estado para dar voz aos mesmos. Porém, as “becas” não deixam de funcionar como uma tentativa de inclusão do grupo social que

¹ CRUZ, Sergio Nicolas Gutierrez. *La provincia chiapaneca ante la Independencia mexicana*. In: *La consumacion de la Independencia*. Tomo I, Archivo General de la Nación – México. 1999 p. 174

representa a maior parte da população local no cenário político, fato que fora negligenciado com o passar dos anos.

Com sua emancipação em andamento, na primeira metade do século XIX, Chiapas tivera sua ligação muito mais forte com o México do que com a Guatemala, região que a dominava. Se o medo de uma possível invasão guatemalteca serviu para Chiapas pedir ajuda militar ao México, o corpo de deputados chiapanecos se via cada vez mais na necessidade de se desligar dos guatemaltecos permitindo com que Guatemala e México negociassem a sua separação. Embora o México tenha se tornado uma monarquia após sua emancipação, era essa região que trazia as melhores fontes comerciais para Chiapas e ele guardava todo o esplendor do que restara dos tempos áureos da Espanha como sua dominadora, enquanto a Guatemala não tinha o mínimo de proximidade comercial com a região em questão, sobretudo por seu processo emancipatório ter causado fortes baixas em seus cofres.

Ao longo do século XX o estado se mostrou de grande produtor de gêneros agrícolas e de riquezas minerais de grande valor para o mundo capitalista, como o petróleo. O local se viu formado por variadas etnias indígenas e camponesas mestiços, caracterizando-se ao passar do tempo por ser o estado mais pobre do país. Já que seus povos praticam uma agropecuária extensiva, considerada obsoleta frente ao grande aparato de máquinas que invadiu os campos de inúmeras regiões do mundo.

Região conhecida por seu potencial hídrico e por ser habitat de madeiras nobres. É como essas ironias do mundo, assim como o diamante é encontrado no continente mais pobre do mundo, as mais diversas riquezas mexicanas se encontram em seu estado mais pobre. Seu solo tem o melhor aproveitamento para a prática agrícola e toda uma potencialidade para um pleno desenvolvimento que contribuiria em larga escala para a melhoria de todo o país.

Se a entrada de imigrantes europeus no México a partir do fim do século XIX simbolizou o desejo de um branqueamento de sua população, não menos modernizadora fora a venda das terras comunais em que os indígenas viviam desde o tempo colonial. Não diferente, o século XX também mostra seu projeto de modernização ao lançar em voga a quebra da intocabilidade dos *ejidos*² em 1992 através da reforma do artigo 27 da Constituição. Ao modificar tal artigo o Estado afiança que tais terras são formas

² Terras comunais sob a proteção do Estado mediante a Constituição de 1917 como um bem inalienável.

arcaicas e não combinam em nada com o projeto que tem o objetivo de alçar o México no cenário dos países desenvolvidos, pois a terra para as etnias tem valores como identidade, autonomia, modo de produção de bens e reprodução de sua cultura e condições de vida³. A terra nessas circunstâncias passa a ser atrativo de investimentos de todos os tipos e possíveis de qualquer lugar do globo, pois ela passa a ser mercadorias⁴ não tendo mais nenhum vínculo de pertença ou transmissão de cultura.

Mas se o fim do século XX colocou o estado frente a esse problema, a questão agrária neste mesmo período já se configurava um grande problema. A Revolução Verde dos idos anos 60 e sua intensificação do uso da terra ampliando a produção em um mesmo espaço de terras, sem dúvidas, foi de grande importância para atender a tantos indivíduos pelo mundo com a demografia cada vez mais crescente. Porém, a ampliação do latifúndio provocou cada vez mais dificuldades para os índios à medida que o mesmo começava a invadir suas terras e as de pequenos camponeses. Inúmeros enfrentamentos foram registrados entre o latifúndio e a pequena propriedade como, por exemplo, o Massacre de Acteal de 1997 colocando o Estado que deveria ser um mediador nestas tensões, como um pêndulo tendendo para o lado dos fazendeiros.

Com suas terras invadidas por grandes propriedades, muitos índios-camponeses, para sobreviver, foram trabalhar nos latifúndios servindo de mão-de-obra barata ou até mesmo com trabalhos sob a escravidão por dívida, sob a conivência do Estado aos grandes proprietários. Outros foram obrigados a se inserir no sistema capitalista vendendo suas produções para o grande capital como forma de sobrevivência – uma realidade não muito distante vivida no Brasil. Outro grande problema vivenciado pelos indivíduos negligenciados pelo Estado é a temporalidade, a qual se dá a servidão entranhada já no âmbito cultural pela região alegando que os fazendeiros funcionam como uma espécie de guardiões dos povos indígenas, uma vez que foram eles que levantaram armas e defenderam os povos da região contra o exército de Carranza desde 1914 durante o processo da Revolução Mexicana, alegando que a entrada de Álvaro Obregón reconheceu o controle político de Chiapas aos fazendeiros sentindo-se os verdadeiros donos do estado⁵.

³ ARELLANO, Alejandro Buenrostro. *As raízes do fenômeno Chiapas. O já basta da resistência zapatista*. Ed Alfarrábio, SP.2002 p33

⁴ GENNARI, Emilio. *Chiapas as comunidades zapatistas reescrevem a história*. Ed Achiamé, RJ. 2002 p18

⁵ ARELLANO. Idem p24

O pesadelo não termina com os fatos mencionados anteriormente. Se a Constituição a partir de uma certa data possibilitou a compra e venda das terras pelo trâmite jurídico legal, de longas datas um certo expediente já desestabilizava o controle das etnias acerca da posse das terras; a atuação dos *guardias blancas*⁶, quando não de grupos paramilitares como os esquadrões da morte que falaremos mais adiante. Por isso, desde já não é tão difícil de entender o motivo que faz os índios pegarem em armas. Muitos entenderam como rebeldia ou como violência desmesurada, porém é inteligível que seja mais uma forma de proteção e defesa frente a tantos avanços contra suas propriedades e até mesmo contra suas próprias vidas.

A realidade dispare existente em Chiapas não perpassa somente a esses fatores comentados outrora, como as ricas jazidas naturais como urânio e petróleo e a anexação indevida das terras. Mas o que os camponeses mestiços e as etnias de herdeiras da cultura maia como os tzoltzil, tzetal, tojolabal, chol, narme e zoque passam nessas terras realmente faz-se acreditar que é uma terra esquecida pelo governo mexicano. A insuficiência de políticas públicas durante tempos desde o nível estadual passando ao federal, mostra a razão desta localidade ter Índices de Desenvolvimento Humano bem abaixo do esperado. A concentração fundiária seguida da de renda, provoca números alarmantes que contrastam com o padrão de vida que se deveria ter mediante a generosidade natural que pertence ao local. Tal fato pode ser observado nas palavras a seguir:

Desnutrição, fome, falta de serviços públicos, exploração e abusos dos caciques e posseiros, fazem parte do cotidiano dos índios do México. Muitos recebem menos do que o mínimo de US\$ 4 por um opressivo dia de trabalho, quando há trabalho. A mortalidade infantil (8,5%) é o dobro da média nacional. Nesta extrema penúria, os índios freqüentemente são compelidos a plantar maconha e papoula para traficar drogas.

Chiapas o estado mais pobre do México, é um local de constantes disputas de terras. Caciques e poderosos latifundiários constantemente enviam pistoleiros para tomar as terras dos índios a força.

⁶ Homens contratados pelos latifundiários para aturem usando de violência através das armas para expulsar e até matar os pequenos proprietários e/ou indígenas. Personagem muito semelhante ao jagunço brasileiro.

... com frequência os índios são presos arbitrariamente em conflitos de terras, recebem longas sentenças por posse de pequenas quantidades de drogas, e não tem advogado⁷.

O papel tendencioso do governo chiapaneco se mostra em sua real face quando o próprio governante lança declarações que seriam consideradas como um verdadeiro abuso, porém isto nos mostra mais um viés do difícil e cruel cotidiano no estado em questão. A arbitrariedade e o compactuar do governo com os donos de terras, uma vez que seus governantes também possuem extensas faixas de terras, nos indica para onde a balança da justiça do Estado tende a pesar:

Em alguns casos, tem sido adotada uma abordagem despótica para esmagar demandas sociais. O último governador de Chiapas, Patrocinio Gonzáles Garrido, que deixou o cargo em janeiro de 1993 para tornar-se ministro do Interior, afirmou ter acabado com invasões de terras no estado, “mas não pela negociação política e sim prendendo centenas de camponeses”, conforme escreveu Riva Palácio no diário *El Financiero*, da Cidade do México.⁸

Como Chiapas se localiza no sul do país e seus recursos naturais o configuram como um estado de economia agro-exportadora, o norte tem contornos bem mais diferenciados, ou seja, sua principal atividade econômica são as indústrias e o comércio, por um fator muito simples de visualizar; a região do norte faz fronteira com os Estados Unidos e serviu de local para investimentos americanos por conta de baixos impostos, obtenção de trabalhadores a baixo custo e a matéria-prima chegar a preços módicos. Se o norte recebera mais atenção em detrimento do sul, é visível que a sua qualidade de vida é maior à medida que se observa a estrutura corpórea de seus habitantes. Com o IDH mais elevado, o norte ostenta indivíduos bem mais afeiçoados, ou seja, de boa aparência e com estatura corporal superior aos do sul, por conta de uma melhor alimentação, produzindo a ingestão de mais nutrientes contribuindo para uma vida mais saudável. Contrariamente no sul, como vimos no trecho mostrado anteriormente, a renda *per capita* baixíssima faz com que a pouca ingestão de alimentos provoque um desenvolvimento da estrutura corporal muito parco, permitindo que seus sistemas imunológicos sejam deficitários por causa de uma má alimentação, mas no sentido de muitas vezes não ter o que comer.

⁷ CONGER, Lucy. In *Jonal do Brasil* 05/01/1994. p.9.

⁸ Idem. *Ibid.* 9 de Janeiro de 1994. p. 19.

Somando a tudo o que já fora mostrado, a década de 1980 ficou conhecida como a década perdida para os países latino-americanos. Se esta década fora difícil para os outros países, para o México ela foi desastrosa. Dona de uma crise econômica e um amplo aumento do custo de vida para a população mexicana, a moratória decretada em 1982 pelo governo causou um impacto ímpar no México propiciando a retirada dos investimentos externos do país. Em 1988 assume a presidência Carlos Salinas de Gortari – o mesmo presidente que teria em seu governo o levante indígena -, com um mirabolante plano social para todo o México e, sobretudo para Chiapas, o programa Solidariedade que visava impulsionar o país para alcançar status de Primeiro Mundo. Um projeto audacioso para um país em franca recessão:

Salinas criou o programa social Solidariedade, para ajudar 43 milhões de mexicanos que vivem na miséria, com subsídios alimentares, bolsas de estudo, créditos agrícolas e instalações de serviços de água potável e energia elétrica...

...O programa Solidariedade não distribuiu as terras aos pobres, nem mesmo criou novos empregos por que a economia cresceu menos de 2% em 1993...⁹

A dura experiência compartilhada por milhares de chiapanecos anos a fio fez com que o estado de Chiapas fosse o palco do levante indígena no primeiro dia do ano de 1994, apanhando muitos expectadores de surpresa, deixando-os atônitos em um primeiro momento. Um movimento social desta monta poderia ter surgido em qualquer lugar do país por conta da realidade de descaso não ser um privilégio de Chiapas, mas sim dos estados sulinos, contudo a conjuntura interna do estado chiapaneco serviu de grande força propulsora para que Chiapas promovesse a marcha indígena sob a bandeira zapatista com petições bem peculiares de seu povo não atendido por décadas como terra, paz e justiça.

Levante indígena, antigas idéias e novos adeptos

Campo teórico

Falar sobre qualquer atuação das massas em qualquer cenário mundial é extremamente complexo devido a suas petições que tangenciam o viés social e se

⁹

Idem. Ibid. 6 de Janeiro de 1994. p. 13.

entrecruzam inúmeras vezes com o político, sendo difícil para o observador saber dosar as intenções de seu objeto. Frequentemente perguntas pairam sobre a cabeça do estudioso por causa da tarefa árdua de classificar a manifestação em questão. Para responder o assunto em que nos debruçamos, bastaria adotar a resposta do senso comum: o sangue quente latino. Mas só isso não nos daria a clara visão da real motivação – ou reais motivações – que fizeram com que os indígenas mexicanos pegassem em armas e se fizessem ouvir através delas.

Já que o senso comum não nos ajuda em nada para entender, o que seria simplório demais, também não faremos uso de modelos esquemáticos e grandes “modelões” que tantas vezes foram usados outrora. Sabemos que a teoria marxista muito colaborou para a análise de manifestações de massas, mas não tentaremos usar sua forma ortodoxa em momento algum. Estaríamos mais próximos de uma vista semelhante a da contribuição de Thompson com sua interpretação, que enxerga uma grande manifestação das massas camponesas a partir da quebra de uma cultura paternalista pelo Estado devido a implementação de uma nova realidade na Inglaterra às portas de sua industrialização (A economia moral da multidão).

Outro campo teórico que poderíamos usar seria a de George Rudé, quando o historiador faz um grande apanhado de reais motivos que levam as grandes massas a se manifestarem através até mesmo de uma revolta (A multidão na história). Tanto Thompson quanto Rudé cooperam para uma visão que os levantes sociais em inúmeros momentos não são revoltas feitas pela barriga, ou seja, por causa da fome, pois em outros momentos da história a população se viu em grandes crises agrícolas e não houve revolta. Porém, fatores como a quebra de uma tradição e outros aspectos que também podem ser psicológicos ou imposições arbitrárias do Estado serviram de estopim para o alvoroço popular.

Entretanto, mesmo sabendo da importância de tais trabalhos, ambas as visões não serão norteadoras para os estudos deste trabalho, por um fator que nos obriga a observar nosso objeto de outra ótica, ou seja, as colaborações mencionadas anteriormente fazem parte de uma época pré-industrial com atores e costumes totalmente diferentes de nossa época. Como analisamos o final do século XX, estamos inseridos em um contexto totalmente diferente como já fora mostrado na observação da conjuntura da década de 1990.

Estamos estudando uma realidade mexicana em que a industrialização já fora colocada em ação e novos atores foram concebidos ao longo do século XX, com isso, todo um estudo se faz necessário para entender seus agentes, propostas, motivos e manifestações que estão em voga. Novas associações foram feitas ao decorrer do tempo, mesmo sendo um país industrial pautado no capital internacional, verificamos que a tecnologia implementada nas indústrias condicionou o chamado desemprego estrutural promovendo um inchaço no setor terciário colaborando para uma série de agremiações de interesses comuns regulados pela experiência cotidiana.

Reconhecemos que a estrutura republicana, calçada na questão partidária, muito deixou a desejar, sobretudo no México, que viveu anos de dominação de um só partido, o Partido Revolucionário Institucional, fazendo com que as demandas populares não fossem ouvidas e muito menos atendidas, sendo um mantenedor dos grandes interesses. As uniões de novos atores, muitas vezes fazendo parte de grupos minoritários, formam grandes aglomerados de grupos diversificados, mas com interesses semelhantes de fazer valer sua democracia afrontando o Estado:

A grande novidade destes grupos é a sua independência com relação aos políticos profissionais e aos partidos, bem como sua capacidade de expressar os desejos de base da sociedade. Associações de bairro, grupos de moradores, clube de mães, Comunidades Eclesias de Base (CEBs), ao se tornarem mais numerosos e atuantes, são vistos como formas autênticas de participação popular, onde a democracia interna garante, tanto a manifestação de uma vontade coletiva, quanto o confronto direto com as políticas públicas autoritárias.

... O que importa é ressaltar as consequências desta visão, que atribui aos movimentos sociais (como características constituintes do conceito) uma capacidade de construir identidades políticas (novos atores) e uma autonomia frente ao sistema político representativo, uma vez que expressa a manifestação espontânea das camadas populares.

O novo é o espontâneo que se opõe à manipulação, é a ação consciente que substitui a cooptação; garantindo a expressão dos verdadeiros interesses populares que ficavam sufocados pelos partidos e pelos políticos profissionais.¹⁰

A adoção do liberalismo político e a valorização do indivíduo colocaram em xeque a questão do coletivo e as minorias. Tal pensamento coloca sob o mesmo ideal

¹⁰ CARDOSO, Ruth Corrêa Leite - *Movimentos sociais na América Latina*, 1987, http://www.anpocs.br/portal/publicacoes/ibcs03_02.htm, 25/06/10 12:40 PM

inúmeros grupos sociais e ideológicos diferenciados, não promovendo a respeitabilidade de seus valores, pois ao defender o individual o ser é movido por motivações próprias não tendo nada consoante com a defesa da sua sociedade. Como podemos observar, esta crítica ao modelo liberal ajuda-nos a entender um dos motivos do levante chiapaneco ao notar que:

O liberalismo ao pensar o indivíduo, não dá cabo da reflexão a ações comunitárias. Ou seja, os indivíduos agem por interesses, desejos e crenças, sendo assim, ou é por uma função instrumental ou é sentimental...

... na atualidade muitas demandas políticas surgem de grupos minoritários – grupos étnicos, feministas, cidadãos de países colonizados – buscando reconhecimento. Este reconhecimento parte da identidade e da forma como se observam a si mesma ... o reconhecimento não é cortesia, mas sim uma necessidade vital. O colapso das hierarquias sociais incorporou o conceito de “cidadão”. A abertura do espaço político para o cidadão e demanda de igualdade, abre também para diferentes culturas e gêneros.¹¹

De acordo com os exames feitos pelos autores citados no início deste debate, a figura do Estado não é colocada como um inimigo em questão. Apesar de o Estado quebrar com o costume, ele não é visto como inimigo. Diferentemente das abordagens sobre os movimentos sociais da atualidade, que, ao se reinventar (o governo) e promover novas formas opressoras, principalmente em tempos de autoritarismos, há o desejo da sociedade civil em deslegitimar o regime que apossou do Estado, mas não significa falar que é a derrubada do Estado, somente uma transformação do mesmo.¹²

Dentre algumas condições para se concluir a principal razão das etnias indígenas terem se manifestado contra o Estado autoritário mexicano, concluímos que a não relevância dos índios-camponeses que se arrastam de longas datas e a sua não participação e, muito menos suas reivindicações políticas e sociais, se mostra como o grande detonador da manifestação pública apresentada no primeiro dia do ano de 1994. A quebra e/ou o não atendimento aos direitos indígenas é o fator principal da análise deste ponto do trabalho. Mesmo sabendo que corrupção e violência sejam fatores preponderantes para o fenômeno estudado, ficaremos no âmbito jurídico-político da modificação na Constituição feita pelo Estado mexicano, deixando para a próxima

¹¹ DIERTELEN, Paulette. *Sobre el liberalismo y comunitarismo: la polémica em México*. In: México en el siglo XX – Tomo I. Archivo General de la Nación. México, 1999. pp. 392-393

¹² CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. *Opit. cit.*

abordagem uma análise pertinente a outros pontos que corroborarão para entender melhor para o que chamamos a atenção neste debate.

A não respeitabilidade das minorias e a sua incorporação num universo macro, sem levar em conta seus costumes e a ausência de uma legislação para tal grupo, comprovam mais uma vez que o liberalismo, como proposta política, não leva em consideração as comunidades, sejam elas quais forem, pois ignoram sua autonomia e práticas cotidianas como a relação do poder e seus serviços para a comunidade.

Partilhando do pensamento de Villoro:

Os direitos se pautam na idéia de desigualdade das pessoas estabelecendo limites, tratando o indivíduo e a comunidade não como meios, mas como fim. Defensores do multiculturalismo avaliam que, o liberalismo propiciou que a idéia de direitos coletivos é uma ilusão. Pois o único real é o indivíduo. Então os direitos dos povos chocam-se contra o direito individual. Tal concepção é um mal entendido uma vez que o direito dos povos se considera um direito humano, no mesmo plano do direito individual, não pode haver contradição. Os direitos humanos básicos não fundam a sua legitimidade em sua promulgação pelo Estado, se justificam no reconhecimento das necessidades e valores prévios a constituição de qualquer associação política e que não derivam dela.¹³

Os índios dizem: BASTA!

Temos visto até aqui alguns motivos que deram condições aos desafortunados chiapanecos de se colocarem frente ao Estado no dia marco da entrada do México no Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) em 1994, representando a quebra das barreiras alfandegárias entre Estados Unidos, Canadá e o México, sendo que há a livre circulação de mercadorias, mas não a de pessoas por conta de haver o medo americano de inchar suas cidades e ocasionar uma elevada busca por postos de trabalho entre seus habitantes e os mexicanos que tentam melhorar de vida. Os fartos anos em que foram deixados de lado do cenário político e social mexicano, sobretudo após o descaso das autoridades ao congresso realizado por lideranças indígenas em 1974 em San Cristóbal de las Casas que denunciavam os atos desonestos das lideranças indigenistas, e a constante ameaça dos grupos paramilitares sobre suas terras, não restou

¹³ DIERTELEN, Paulette. *Opit. cit.* pp. 400-401.

uma outra opção ao indígena – como já fora defendido anteriormente -, a não ser a luta armada. Como podemos observar:

As origens do movimento armado em Chiapas está em ações estimuladas pelo governo'', que durante décadas ignorou as reivindicações dos índios por terras e justiça social, afirmou o colunista político Miguel Angel Granados Chapa no jornal Reforma, da Cidade do México. ¹⁴

Para o principal candidato opositor às eleições presidenciais deste ano, Cuauhtémoc Cardenas, a causa do conflito é o desespero com a queda do nível de vida a recessão que não cede e o fechamento das vias democráticas de protesto. ¹⁵

O levante que se teve início em 1994 nada mais é que uma continuidade de um sem-número de lutas e petições ao longo do século XX. Muitos conflitos armados foram travados no decorrer do tempo, muitos tendo grandes repercussões e outros não tendo muito sucesso foram facilmente esmagados pelas forças do governo. Mas assim como o Estado reinventa suas formas de ação, os índios-camponeses também renovaram suas formas de agir, não quero aqui mencionar nenhum tipo de evolucionismo, mas sim toda uma modificação na forma de compor suas linhas e atuações como se mostra a partir da década de 1970 com a formação do Núcleo Guerrilheiro Emiliano Zapata na Selva Lacandona e a Frente de Libertação Nacional. Portanto:

Assim do ponto de vista da história nacional, o novo movimento zapatista é, entre outros processos de luta, a continuação, e a superação, do ciclo de mobilizações camponesas que se desenvolveram amplamente por todo país depois de 1968, e que se estendem durante toda a década de 1970. No projeto do EZLN cristalizou-se uma linha de ação que nos anos 70 somente se integrará parcial e limitadamente nas propostas de alguns núcleos camponeses, a saber, a que adota a via das armas, seja por concepção própria ou porque assim impõem as condições políticas repressivas regionais. ¹⁶

Se o levante do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) mostrou novidade, não podemos esquecer da antiga tradição de guerrilha da região da América

¹⁴ Jornal do Brasil 4 de janeiro de 1994. p. 9.

¹⁵ Idem. Ibid. 3 de Janeiro de 1994. p. 5

¹⁶ MOGUEL, Julio. O Zapatismo: um ano depois. La Jornada. Apud. In. ARELLANO, Alejandro Buenrostro y e OLIVEIRA, Ariovaldo Umberlino de. (Orgs.). Chiapas. Construindo a esperança. p. 76.

Central como os clássicos casos de Cuba, Nicarágua e Guatemala. Sem dúvida essas revoluções – vitoriosas ou não – impulsionaram muitos mexicanos a ter posturas e anseios semelhantes. Como prova disso podemos mencionar a formação da Frente de Libertação Nacional (FLN) na década de 70, muito polarizada pelo pensamento marxista-guevarista, tendo membros treinados em Cuba. Sem contar que o principal nome do movimento chiapaneco, o subcomandante Marcos, teria recebido treinamentos cubanos nos anos 80¹⁷, portanto membros da antiga FLN treinados nas táticas de guerrilha que fez vitoriosa a Revolução Cubana tiveram papel de proeminência na composição do novo zapatismo. Se o EZLN inicia sua atuação na década de 1980, algumas das figuras que irão compor os principais nomes do levante já vinham atuando no cenário nacional anteriormente em conjunto de alianças dos povos indígenas e parte da sociedade civil de Chiapas.

A escolha da Selva Lacandona reflete bem a preocupação de mostrar distanciamento dos grandes centros e de fazer um trabalho silencioso. Cabia ao grupo em formação dialogar com as diversas etnias locais e vizinhas para endossar o seu corpo ativo, mostrando que são aliados contribuindo com serviços sociais para as comunidades. O EZLN em formação fazia os serviços e chegava onde o Estado deveria estar. Conseguimos observar o distanciamento entre o processo de formação e a atuação no cenário nacional dos zapatistas, devido ao longo processo de formação de seu contingente armado que muito se deve à corrupção da polícia mexicana. Como mostra o subcomandante Marcos em entrevista ao sociólogo Yvon Le Bolt:

São três as principais fontes de aprisionamento: uma parte vem de um trabalho de formiga, de comprar aqui e ali; uma outra fonte importante é a polícia mexicana e o exército, naquela que é sua luta contra o narcotráfico. Quando eles prendem os narcotraficantes eles tomam as armas, só uma pequena parte delas é entregue às autoridades, porque o resto vai para o mercado negro. Nós compramos deles os AK-47, M-16 e outras armas. Eles achavam que estavam vendendo as armas para outro grupo de narcotraficantes sobre o qual, em seguida, se lançariam para prendê-lo, tirar-lhe as armas e voltar a vendê-las... E a terceira fonte são as guardas brancas dos latifundiários que são treinados pela segurança pública e do exército... E tem uma quarta fonte de aprovisionamento

¹⁷ FIGUEIREDO, Guilherme Githay de - A guerra é o espetáculo origens e transformações do EZLN, São Paulo. 2003. p 134.

que são as armas que os camponeses tem na maior parte do México, escopetas de caça.¹⁸

Se o isolamento na Selva Lacandona e a guerrilha nos aproximam das demais atividades latino-americanas de outrora, não seria inconveniente algum observar semelhanças com táticas de Guevara. Porém, o contato cotidiano com as formas de vida dos indígenas colocou o EZLN em órbita de uma outra realidade e pensamento, ou seja, fora feito um exército e a participação política aos moldes dos povos locais baseado na autonomia de cada indivíduo e mostrando um renascimento de ícones da cultura mexicana ao adotar Emiliano Zapata, um dos principais nomes da Revolução Mexicana, e não a figura de Marx, Lênin ou Guevara como podemos observar:

Talvez nele encontraremos algumas heranças do pensamento marxista, leninista ou guevarista provenientes da participação anterior de ativistas que vêm de núcleos e de organizações de esquerda. E o Exército Zapatista recolhe com segurança claras lições dos movimentos armados – verdadeiras guerras de setores populares – da América Central. Mas hoje parece indubitável a força ideológica e cultural do próprio mundo índio-camponês chiapaneco na conformação do perfil político zapatista, alimentado, além por elementos da “nova cultura”.¹⁹

Muitas formações militares pela América Latina se fizeram através de ações consideradas subversivas, como o sequestro e o roubo, essas práticas contribuía para que os serviços de inteligência dos seus respectivos países conseguissem dismantelar tais grupos. A posição do EZLN para angariar armamentos fora abordada acima. Tal prática e o repúdio às práticas subversivas colaboraram para sua proteção em face aos serviços de inteligência, dando mais vida longa ao EZLN do que a FLN, que foi reprimida pelos serviços do governo. Entretanto, a formação guerrilheira do exército em questão também passa por estudos de livros sobre a experiência de guerrilha e, para além disso, os manuais de contra-insurreição do exército norte-americano²⁰.

¹⁸ In.GENNARI, Emilio. *Chiapas as comunidades zapatistas reescrevem a história*. Ed Achiamé, Rio de Janeiro. 2002. p.25.

¹⁹ MOGUEL, Julio. O Zapatismo: um ano depois. Apud. In. ARELLANO, Alejandro Buenrostro y e OLIVEIRA, Ariovaldo Umberlino de. (Orgs.). *Chiapas. Construindo a esperança*. p.77.

²⁰ GENNARI, Emilio. *Opit. cit.* p. 30.

Como o levante público dos zapatistas se deu apenas três anos após a queda da URSS e ainda contava com a existência de Cuba sob o modelo castrista e convulsões político-sociais pelo continente, como o problema do Haiti sofrendo intervenção dos EUA e as tentativas de golpe na Venezuela, havia uma grande onda de pensamentos de que o EZLN tivesse forte influência de treinamentos externos e até mesmo ajuda armamentista por conta de países vizinhos com a mesma herança maia. Argumento muito utilizado para ligar movimentos sociais do considerado mundo subversivo aqueles com apelos ligados ao socialismo, e no caso do México a oposição usou a herança cultural para aproximar cada vez mais a insurgência as guerrilhas americanas. O próprio presidente Salinas de Gotari e muitos intelectuais acreditavam na possibilidade de haver apoio internacional, sendo assim:

Para o governo do presidente Carlos Salinas de Gotari, os rebeldes teriam apoio internacional. O Ministério da Defesa acusou a Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca. Os índios dos dois países vizinhos são descendentes dos maias, uma das três grandes civilizações pré-colombianas. A Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, de El Salvador, negou qualquer vinculação com os zapatistas.²¹

... O presidente Carlos Salinas de Gotari negou que se trate de uma rebelião indígena, dizendo que a maioria dos índios rejeita a violência.

... Isto o descaracteriza como indígena marginalizado, reforçando a versão oficial de que a rebelião teve ajuda externa, principalmente da guerrilha guatemalteca... ser educado por “profissionais da violência e do terrorismo bem educado”, segundo Socorro Díaz.²²

O presidente Salinas de Gotari tem insistido repetidamente que o EZLN está cheio de “estrangeiros”, especialmente guatemaltecos e salvadorenses. A maioria dos analistas independentes acredita que, independentemente de quem esteja no movimento, as razões para pegar em armas estão no próprio México.²³

Parecem ser impertinentes as acusações de participações internacionais que poderiam ser simpáticos ao movimento mexicano, uma vez que suas realidades internas não eram adequadas para qualquer apoio. Uma vez que os principais pilares do pensamento esquerdista, Cuba e URSS, passavam por momentos de rearranjo em todos

²¹ Jornal do Brasil. 5 de Janeiro de 1994. p. 9.

²² Jornal do Brasil. 7 de janeiro de 1994. p.13.

²³ Jornal do Brasil. 9 de Janeiro de 1994. p. 19.

os âmbitos de seus governos, ou seja, o fim do modelo soviético o abriu para problemas econômicos e grande monta, se preocupando com sua economia e política interna. Já o caso cubano inicia a implementação de novas formas para atrair capital para si como abrir as portas para o turismo, já que a ajuda mútua que tinha com a URSS findou-se. Se assim fosse, todo o aparato zapatista sucumbiria por falta de suprimentos adquiridos com ajuda externa. Segundo os comunicados emitidos logo após o levante:

O comandante Marcos, líder da Revolta de Chiapas, garantiu que ninguém acusá-lo de ser financiado pelo “ouro de Moscou”, já que a própria Rússia, voltada para si mesma, enfrentava problemas semelhantes de desajustes provocado por reforma liberal, em meio a rebeliões étnicas.²⁴

O comunicado nega a existência de estrangeiros em suas fileiras e garante que não tem assessoria de movimentos revolucionários de outros países. Seu armamento teria sido conseguido durante dez anos de “acúmulo de forças”.²⁵

Ao caracterizar a marcha zapatista de um ato influenciado por insurgentes internacionais, colocando-os sob a batuta estrangeira, desqualifica-se demais a iniciativa indígena colocando-os como um movimento tutelado que viesse a reboque por uma vanguarda. Mas quando os indígenas não tinham sua voz atendida pelos mensageiros indigenistas, um grupo que tinha contato com a cultura política do Estado e que falavam o castelhano, formaram um grupo atuante em Lacandona no real sentido de uma intelectualidade orgânica juntamente com indivíduos da sociedade civil que dava cada vez mais apoio aos índios.

Outro modo de desqualificar os zapatistas é mencionar que eles são herdeiros de uma ideologia falida. Se o fim da URSS significou o fim de um sonho que parecia ser possível a partir de 1917, a tentativa de querer encaixar a manifestação chiapaneca como um ato desesperado de uma geração que desejava (re)implantar um modo de vida típico de tal pensamento. Temos a clara visão ao ver tal tipo de depoimento:

... o escritor mexicano Octavio Paz condenou a luta armada em Chiapas como “uma violência suicida.” Ele reconheceu que os índios e camponeses “foram submetidos a séculos de humilhações e discriminações”, mas chamou a ideologia dos rebeldes de “resquícios de maoísmo, da Teologia da Libertação, do Sendero

²⁴ Jornal do Brasil. 5 de janeiro de 1994. p. 10.

²⁵ Jornal do Brasil 12 de janeiro de 1994. p. 8.

Luminoso e dos movimentos revolucionários centro-americanos. Em suma, restos do naufrágio das ideologias revolucionárias do século XX.”²⁶

Se a postura do EZLN provocou um verdadeiro desagrado e dúvida para os seus opositores, de igual modo assim o fez para os partidários da esquerda. Partindo da visão esquerdista, tal movimento estaria pronto para um ato revolucionário para a tomada do poder, porém o EZLN não pretende tomar o poder, o que seria desconexo para as antigas esquerdas que não crêem que mudança social só pode vir acompanhada de tomada de poder. Em suas duas primeiras declarações (Declarações da Selva Lacandona), o parecer para toda a sociedade dado pelos indígenas é a busca pela moralização no sistema político, justiça social, paz e terra. Ou seja, são meramente uma manifestação de petições sociais, não há a busca pelo poder, mas sim que o Estado promova condições plenas de vida para toda a sociedade mexicana. “Tudo para todos, nada para nós”.

Se a data que marcaria o ingresso mexicano no Primeiro Mundo com a adesão ao NAFTA parecia ser de otimismo para muitos mexicanos, ela representou também um levante sem precedentes na história. Mais que repulsa a adesão ao NAFTA, o levante poderia ter sido colocado em marcha já em 1988, contudo a situação do grupo militar não era a ideal. A conturbada e fraudulenta eleição de 1988 provocou profundo desgosto na sociedade, principalmente nos futuros insurgentes. Em suas declarações procuravam sempre criticar o sistema político vigente no México, declarando que o país se encontrava sob a ditadura de um partido, o PRI, já ha décadas. As eleições de 1988 se tornam emblemáticas por conta da derrota do PRI nas urnas para a oposição, porém em uma reviravolta eleitoral seguida de um amplo processo de fraude, o PRI fora declarado vitorioso tendo seu candidato Carlos Salinas de Gotari para a presidência do país em um mandato de seis anos. Se os anos passados serviram para avivar cada vez mais o desagrado com o cenário nacional, esta eleição serviu para encurtar o pavio da marcha:

Em 1988, início do atual período governamental, já se dizia que o México marchava para uma crise de grandes proporções. Gastou-se dinheiro em Chiapas e outros estados pobres, num programa chamado Solidariedade, mas as estruturas políticas e sociais autoritárias, corruptas e oligárquicas, fortaleceram-se...

De seis em seis anos o PRI disputa o poder consigo mesmo, sem chances para os adversários. A imprensa se verga diante do poder econômico que tapa a boca dos jornais com o controle das cotas de papel e distribuição de publicidade e, coisa curiosa, por semelhança com o sistema implantado no Brasil pelo regime autoritário de 64, uma grande rede de televisão exerce o monopólio, com o amortecimento da opinião pública. O culto a revolução se tornou abstração repetida pelos governantes, enquanto os presidentes se sucedem monotonamente. O paternalismo estatal conseguia até agora administrar o descontentamento com recursos típicos das raposas políticas, igualmente conhecidas no Brasil. O PRI, Partido Revolucionário Institucional, se transformou na verdade, em Partido Contra-Revolucionário Institucional.

... A concentração de poderes nas mãos do presidente e de um só partido impediu o México de se desenvolver politicamente. Quando o país perde a memória histórica, perde o rumo. Torna-se incapaz de saber se deveria ser república ou monarquia, e nem se quer distingue os inimigos.²⁷

O principal parceiro mexicano com a adesão ao livre comércio, os Estados Unidos, mostraram um posicionamento contrário à política mexicana. Principal bastião da democracia e da liberdade, sua crítica se pauta na concentração de renda e ausência de participação democrática nos anos em que o PRI se manteve no poder. Tudo isso serviu de pano de fundo para o motim de Chiapas. Conforme publicou o jornal The New York Times, se o México quer um lugar entre as democracias da América do Norte, o desequilíbrio entre o político e o econômico deve ser sanado rapidamente. Outro periódico que critica a postura da realidade mexicana é o The Washington Post que menciona: A principal ameaça à democracia na América Latina provém da corrupção no poder e das diferenças no poder²⁸.

Ao se rebelar contra o sistema mexicano, o EZLN declara guerra contra toda impunidade, contra todos aqueles que prejudicaram os indígenas e contra um Estado corrupto que permitiu e aplicou uma guerra genocida não-declarada durante anos aos mesmos. Se o primeiro dia de 1994 era para se tornar um símbolo do novo México, o levante nada mais promoveu do que uma amostragem para todo o mundo de um México pobre e repleto de falhas internas e que muito falta para ingressar no papel de potência. O México durante anos se preocupou com sua visão no exterior, tentando camuflar sua

²⁷ Jornal do Brasil. 8 de janeiro 1994. p. 10.

²⁸ Jornal do Brasil. 5 de janeiro de 1994. p. 9.

realidade interna. Esta revelação ocasionada pelos índios mostrou os pés de barro do império mexicano:

Esta crise de imagem explica um país que tudo fez para caminhar rumo ao primeiro mundo, mas, com territórios segregados, injustiças e desigualdades, autoritarismo e corrupção, pobreza e marginalização, como disse Jorge Castañeda, descobriu-se ancorado ao Terceiro Mundo. Há quem interprete a insurgência de Chiapas como falha no funcionamento do aparato estatal. Para Castañeda, no entanto, a deficiência se deu no interior do governo Salinas, que revelou imensa inconsciência e uma decomposição mais aguda do que se esperava.²⁹

Para Andréa Dabrowski, a revolta se reflete no “custo social e político do neoliberalismo do governo Salinas”, “das violações dos direitos humanos, das eleições fraudulentas”. Na sua opinião, o fracasso do atual governo é não ter feito reformas políticas para a democratizar o país: é uma reforma cosmética. Eles não se arriscam a perder o poder.³⁰

O EZLN declara guerra e se coloca como um exército regular contra toda injustiça aos mexicanos, colocando-se na condição de serem julgados de acordo com a Convenção de Genebra, servindo de braço armado para a libertação do povo, como podemos encontrar na Primeira Declaração da Selva Lacandona. Não se entendem e não desejam ser e não ter um corpo político, como o IRA, na Irlanda, tem seu grupo político.

A entrada do México no modelo neoliberal promoveu grande descontentamento até em seus latifundiários. Pois o livre comércio agora coloca em igualdade de transações o mexicano, o americano e o canadense. Mas na prática as relações comerciais promovem muito mais a economia americana do que a mexicana, devido ao produto agrícola americano ser subsidiado e o mexicano não. Isso causa um grande desequilíbrio na balança mexicana, sem contar as privatizações feitas pelo governo e a diminuição dos gastos públicos ocasionando cada vez mais a situação precária da população.

Para os grandes liberais, a entrada do México no modelo neoliberal é o grande passaporte para a sua entrada no Primeiro mundo. É a solução para todos os males.

²⁹ Jornal do Brasil. 8 de janeiro de 1994. p.10.

³⁰ Jornal do Brasil. 5 de janeiro de 1994. p. 9.

Deveras os liberais, sobretudo os norte-americanos, rejeitaram a postura da rebelião de Chiapas, classificando como oportunistas e o planejamento para o crescimento dos seus signatários é a longa data, nenhum milagre será feito da noite para o dia:

Jim Wagner, porta-voz do departamento de Estado, disse ao JB que considera oportunismo dos guerrilheiros a inclusão do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) entre os fatos que acham condenáveis na história mexicana, “pelo impacto que isso podia causar na opinião pública”. Para ele, a verdade é outra: “O Nafta foi idealizado justamente para reduzir os desníveis econômicos e sociais e aumentar as oportunidades nos três países signatários, durante os próximos 10 a 15 anos.”³¹

A admissão do modelo neoliberal não só colocou o setor agrícola em desvantagem em concorrência com a economia americana, mas ao ingressar no NAFTA o México coloca seu maior patrimônio natural pronto para ser compartilhado com os Estados Unidos, o petróleo. Principal fonte energética das indústrias norte-americanas o petróleo agora passa a ser também explorado pelos Estados Unidos, terminando assim com a prerrogativa mexicana sobre a riqueza natural de seu solo. Se a economia do México já ia mal tendo o total controle sobre o petróleo, agora as dificuldades passam a ser maximizadas com tal parceria, pois

O México abre a maior parte dos setores petroquímicos e de geração de energia elétrica, mas continuam proibidos os investimentos estrangeiros na exploração, produção e refino de petróleo e gás. A partir de agora, e pela primeira vez na história, empresas de perfuração de poços americanas poderão participar dos lucros do petróleo encontrado no México.³²

Em tempos de atrair cada vez mais investimentos do exterior, o governo realmente tinha que se preocupar em mostrar que o México era um local sólido para receber o capital internacional. Mesmo não estando na agenda governamental a declaração de guerra do EZLN, tal manifestação não fora o suficiente para a fuga dos investidores em massa. Dias após a marcha indígena o presidente Salinas colocou o Exército Federal para resistir ao EZLN com aproximadamente 10 mil soldados, contando com aviões e tanques. O embate provocou algumas mortes, sendo contabilizado maior perda para o EZLN. O presidente Salinas de Gotari encontrou-se em um grande dilema: se ele reprimir com violência toda a imagem do México internacional ficará manchada por

³¹ Jornal do Brasil. 5 de janeiro de 1994. p. 9.

³² Jornal do Brasil. 2 de janeiro de 1994. p. 15.

causa do massacre do próprio povo mexicano, mas se ele não reprimir e a guerrilha se ampliar, a estabilidade política entra em xeque.

Decerto, agora mais do que nunca, o apoio americano se fez mais presente do que outras vezes. Com os laços políticos e econômicos cada vez mais fechados, e a crítica promovida pelos liberais sobre o levante, mesmo com o discurso de garantir os direitos aos povos quais sejam eles, é impossível não existir uma contra-ofensiva apoiada pelos americanos. A presença americana foi marcante em movimentos semelhantes na história recente da América Latina, como a invasão da Baía dos Porcos em Cuba e os Contras na Nicarágua. Portanto,

O governo Clinton apóia totalmente Salinas, a matança de civis e a execução dos guerrilheiros. Na agenda de Clinton, não há nenhum compromisso com os direitos humanos e a democracia no México.³³

Dependência crescente dos EUA: em uma guerra de guerrilhas é difícil para qualquer governo evitar os “serviços” de assessores norte-americanos que não deixarão de se oferecer, sobretudo se conseguem “fabricar conexão entre guerrilha e narcotráfico”.³⁴

A insubmissão do EZLN rente ao *status quo* governamental e sua aparição promoveram algo que o Estado não desejava, ou seja, a aliança entre a sociedade civil e os insurretos. Logo nas duas primeiras declarações zapatistas, a mensagem de apoio que serviu para dispensar o apoio do levante à população chiapaneca e também para pedir a sua colaboração chamou a atenção da sociedade civil, que ao ver as matanças de civis e indígenas por conta da resposta do Exército Federal, logo pressionaram por acordos de paz, porém demonstrando clara aliança aos anseios do EZLN.

Cansados de um governo corrupto e fraudulento que se mantinha no poder desde 1929, a sociedade civil endossou a voz dos indígenas mantendo diálogos abertos e partilhando de posições semelhantes. Tanto é importante a manifestação da sociedade civil, que suas pressões após dias de conflitos em janeiro de 1994 resultaram um armistício e a negociação de paz. Paz esta que só seria aceita pelo EZLN desde que fosse uma paz justa e digna, pois se assim não fosse, continuariam em armas, como

³³ Jornal do Brasil. 7 de janeiro de 1994. p.13.

³⁴ VILLORO, Luiz. Erro ou estupidez? Apud. In. ARELLANO, Alejandro Buenrostro y e OLIVEIRA, Ariovaldo Umberlino de. (Orgs.). Chiapas. Construindo a esperança. p. 234.

continuaram por conta das negociações de Salinas não atenderem aos principais pontos levantados pelos zapatistas em suas petições, sobretudo a renúncia de Salinas de Gotari e a formação direta de um governo de transição.

Para tentar sanar a problemática colocada em questão pelo lado insurgente e negociar a paz, tentando assim garantir que investimentos internacionais não deixassem de entrar e/ou sair do país e melhorar a imagem pública, o presidente Carlos Salinas de Gotari nomeia para presidir a Comissão de Paz e Reconciliação o ministro das Relações Exteriores, Manoel Camacho Solís, e para o Ministério do Interior, Jorge Capizo, advogado voltado para a questão dos direitos humanos. A nomeação de Camacho agrada ao EZLN que aceita negociações, mas afirmando retomar as armas contra qualquer avanço das tropas do governo. Embora a atuação de Camacho tenha sido bem lúcida e vista com certo agrado pelos zapatistas, a paz não fora possível como fora mencionado anteriormente, o governo não aceitou algumas exigências postas como fundamentais pelo EZLN, ocasionando assim mais enfrentamentos.

Outro agente de fundamental importância para as relações de negociar uma trégua, fora a Igreja. Tal organismo que muitas vezes já atuara contra os indígenas com a questão da imposição cultural, como a fé católica e o ensinamento do castelhano no sentido de suprimir as línguas dos índios. Agora a Igreja, que é vista pelos contrários ao movimento indígena como um agente ideológico polarizando-os através da Teologia da Libertação, tem o papel de mediador de paz, sobretudo, a geração educada na perspectiva da Ação Católica pautada no Concílio Vaticano II, principalmente a figura do bispo Samuel Ruiz, quebrando o papel de instrumento do poder do capital, de acordo com as palavras de José de Souza Martins³⁵.

Se o papel do Exército Federal é defender a pátria e seus civis, ele não estava fazendo nenhum dos dois deveres que deveria. Ao combater o EZLN, ele combatia a própria nação, pois os indígenas são cidadãos mexicanos e a opinião pública repudiava os ataques aos chiapanecos do sul do país. Manifestações contrárias a essa prática surgiram de todos os lados do México, pessoas iam as ruas com cartazes e símbolos da cultura mexicana para realizar protestos contra o governo, as tropas em ação e o modelo econômico concentrador de renda. Manifestações não só no México foram vistas, não

³⁵ MARTINS, José de Souza. Comentário sobre a insurreição zapatista em Chiapas. Apud. ARELLANO, Alejandro Buenrostro y e OLIVEIRA, Ariovaldo Umberlino de. (Orgs.). Chiapas. Construindo a esperança. p. 63.

só em praça pública, mas também contra representantes do Estado mexicano, como no caso da recepção do embaixador mexicano na Alemanha³⁶. Já no caso interno:

Os mexicanos fizeram três manifestações públicas, a maior delas com 70 mil pessoas, para pedir solução pacífica para o conflito entre o governo e os índios de Chiapas, no sul do país. As manifestações ocorreram na quarta-feira à tarde (noite no Brasil), poucas horas após o presidente Salinas de Gotari anunciar uma trégua unilateral.

...

A ação de Camacho, de “reconciliação”, contrasta com a solução bélica escolhida pelo governo num primeiro momento, criticada nas outras manifestações. Na maior delas, 70 mil pessoas se concentraram em frente ao Palácio Nacional, sede do governo, bem no centro da capital. Os manifestantes gritaram palavras de ordem contra o presidente – “Salinas assassino” e “morra PRI” - responsabilizando o Partido Revolucionário Institucional, no poder a 64 anos, pela morte de 100 pessoas durante a repressão aos insurgentes. As pessoas levavam ainda cartazes em homenagem a Emiliano Zapata, herói revolucionário que inspirou o movimento dos índios.

Em Comitán, no estado de Chiapas, 450 índios protestaram contra a situação dos camponeses de origem indígena. Os manifestantes pediram a Comissão Especial de Paz que o EZLN seja reconhecido como força política.³⁷

... milhares de mexicanos fizeram protestos durante a semana em apoio aos zapatistas, ameaçando com revoltas semelhantes se suas reivindicações não forem atendidas. Na quarta-feira, 3.000 pessoas manifestaram-se em Tehuiztingo, protestando contra a falta de democracia. No estado de Michoacan, na costa do Pacífico, os cortadores de cana-de-açúcar declaram-se prontos a pegar em armas ao lado dos zapatistas, dizendo-se cansados de fome e pobreza. Camponeses tomaram a prefeitura de Teopisca, exigindo a renúncia do presidente, acusado de corrupção, dizendo-se inspirado pelos guerrilheiros.³⁸

A demonstração de descontentamento e o basta declarado pelos zapatistas, provocou não só a aproximação da sociedade civil, mais do que isso, o EZLN passou a ser assunto de campanha presidencial, pois os candidatos deveriam formar uma plataforma política de como conduziram o diálogo com os insurgentes e seus planos de paz. Mais do que isso, o EZLN conseguiu colocar em sua órbita uma postura sem par na

³⁶ Jornal do Brasil. 13 de janeiro de 1994. p. 12.

³⁷ Jornal do Brasil. 14 de janeiro de 1994. p.7.

³⁸ Jornal do Brasil. 11 de fevereiro de 1994. p. 7.

história do México, partidos de oposição agindo em conjunto para moralizar as eleições e uma ligeira abertura do PRI, se prontificando a colaborar para eleições limpas. Acontecimentos já relatados pelo Partido Revolucionário Democrático, como votos computados por pessoas que já faleceram.³⁹

Desde o início da insurreição chiapaneca, a história das eleições pareciam tomar um caminho diferenciado. Desgaste incondicional do PRI, pacto por eleições limpas, agregação das oposições e um fator importante, a imagem cada vez mais bem-vista de Camacho, que se não conseguiu ser presidente – mas ambicionava – pelo menos retirou muitos votos de outros candidatos. Se a eleição de 1998 fora conturbada, a de 1994 não foi diferente. O assassinato de Luiz Donald Colcio, candidato do PRI, e o reacender dos conflitos contra os zapatistas – embora não tenha sido o EZLN que tenha promovido o ataque -, mas sim pela rejeição do governo aos pedidos dos zapatistas. Para o lugar do candidato assassinado o PRI promoveu o nome de Ernesto Zedillo, um dos principais homens que planejou a entrada do México no acordo comercial com os Estados Unidos. O pleito presidencial foi em meio ao clima de animosidade, tendo o candidato do PRI eleito ao melhor estilo das eleições mexicanas, através da fraude. Mas podemos mencionar também que este não é um expediente exclusivo do PRI, porém o mencionamos com veemência devido as suas práticas estavam em vigor desde 1929. Iniciado em janeiro de 2006, o governo de Felipe Calderón do Partido da Ação Nacional (PAN) venceu as eleições que disputou contra Lopez Obrador do Partido da Revolução Democrática (PRD), em mais um pleito repleto de fraudes bem como fez anos o PRI.

Contudo, o novo gabinete presidencial promoveu algumas mudanças já anunciadas no dia de sua posse (1/12/1994), como a nomeação para a Procuradoria Geral da República, o opositor Antonio Lozano Garcia do Partido da Ação Nacional. Tal postura perpetrada por Zedillo era mostrar que o PRI estava se abrindo para reformas políticas, diminuindo o monopólio do PRI. Algo jamais visto anteriormente, entretanto uma postura tomada por razões já vistas, a pressão da sociedade civil capitaneada pela rebelião indígena. Uma das provas mais cabais do declínio priísta que pode ser apontada, é a derrota eleitoral para governador no estado

³⁹

Jornal do Brasil. 29 de janeiro de 1994. p. 9.

de Guanajuato, um dos mais ricos do país, elevando ao posto de governador Vicente Fox⁴⁰.

A postura do Executivo mexicano é dúbia, ora acena com a paz, ora promove avanços de tropas. Os dois primeiros presidentes (Salinas e Zedillo) que tiveram o EZLN como o principal ponto da agenda política para sanar, mostraram um posicionamento muito dual ao longo de seus governos como: Salinas depois de comandar ofensivas militares, nomeou uma comissão para negociar a paz e promoveu uma anistia⁴¹. Já Zedillo procurou uma paz na surdina ao promover tentativas de negociações por cartas secretas⁴² ao fracassar ordena ofensivas.

Caso não haja uma paz legítima e digna, os índios continuariam com armas em punho para fazer valer suas intenções. Não adianta somente acenar com a paz, tem que haver o atendimento das reais necessidades e petições do EZLN. A tentativa de paz feita pelo Estado, no pensamento do subcomandante Marcos, é um verdadeiro simulacro. Como o próprio argumentou:

Acreditamos não precisar de outros dados para mostrar que a suposta “vontade de paz” do governo não passa de um artifício pelo qual os poderosos tem procurado ganhar tempo apostando no cansaço da sociedade civil, no esgotamento de seu apoio ao EZLN, na redução da voz e da presença zapatista na conjuntura do país, tirando assim as condições propícias para uma ação força mais pesada.⁴³

Outra contra-ofensiva efetuada foi a ação que o próprio Estado deveria ter desde outrora, promovendo serviços sociais e créditos aos pequenos setores agrários de Chiapas com a intenção de desarticular a base aliada dos insurgentes. Outra forma é o apoio irrestrito aos grupos paramilitares dada por Zedillo. Grupos como Máscara Roja, Paz y Justicia, Primera Fuerza e o Movimento Indígena Revolucionário Antizapatista (MIRA), forcas destinadas à Selva Lacandona com o intuito de combater o EZLN. “A

⁴⁰ Jornal do Brasil 30 de maio de 1995. p. 11.

⁴¹ Lei de Anistia mandada ao Congresso por Salinas para beneficiar os rebeldes zapatistas. Em contrapartida, não condenaria também o Exército contra os crimes cometidos aos indígenas. Jornal do Brasil 12/01/1994 p 8

⁴² O presidente enviou algumas cartas na intenção de promover a paz, mas o EZLN não aceitou afirmando “que não fará nenhum acordo pelas costas da nação”. Jornal do Brasil. 16 de dezembro de 1994.

⁴³ GENNARI, Emilio. *Chiapas as comunidades zapatistas reescrevem a história*. Ed Achiamé, RJ. 2002 p92

Secretaria de Desenvolvimento Social entrou com o dinheiro, e o PRI chiapaneco com os soldados”⁴⁴.

Os Estados Unidos fazendo-se valer dos problemas na Guatemala e no Haiti, ao mandar suas tropas para esses lugares em conflito e que contam com seu aparato militar, promovem bombardeios constantes nestes países. Aproveitando a localização geográfica de Chiapas, os bombardeios químicos na Guatemala, provocam uma verdadeira onda de indígenas mexicanos doentes, que são contaminados por causa da ação do vento trazendo para o estado sulista, parte dos estragos promovidos pelos Estados Unidos. É uma forma de acabar com dois problemas de uma única vez.

“Nossos antepassados resistiram por quinhentos anos, podemos resistir outros quinhentos, não temos pressa”. As palavras do comandante Tacho mostram que não importa a ofensiva clara ou velada que o Estado e seus aliados venham tomar, o Já Basta! chiapaneco sob a bandeira rubro-negra do EZLN irá permanecer até a democracia e a justiça social seja implementada no país. Pelas reformas vindas de cima ou pelas armas dos insurgentes.

Zapatismo, a guerra sem o controle da informação

⁴⁴ GENNARI, Emilio. *Chiapas as comunidades zapatistas reescrevem a história*. Ed Achiamé, RJ. 2002 p92

O ano de 2009 nos apresentou uma novidade dos novos tempos, a circulação de informações, planejamentos e manifestações de apoio via o twitter, site de relacionamento, como uma ferramenta de grande monta para a reeleição do presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad. O twitter, que estava com pouco tempo de popularização, foi objeto de larga importância para a difusão de ideologia norteando claramente o resultado das eleições iranianas.

Há alguma novidade nisso? Categoricamente afirmo que não há novidade alguma neste feito iraniano. Se o site de relacionamento pode ser considerado novidade para os fins do pleito, a Internet não. O uso da grande rede já vem sendo utilizado desde os meados dos anos 1990 como meio de difundir seus respectivos ideários. E a novidade fazendo-se valer da implementação deste recurso disponibilizando toda sorte de informações para todo o mundo, coube ao movimento social do estado de Chiapas, ou seja, aos neozapatistas. Uma das figuras centrais, subcomandante Marcos, que já desfrutava dos conhecimentos do uso da Internet e de seu ex-papel de professor universitário, o zapatismo não travou somente uma guerra contra o Estado, mas também uma guerra de informação.

O primeiro documento lançado pelas lideranças indígenas, Declaração da Selva Lacandona, ficou conhecida por conta da circulação em todos os jornais impressos do México, porém o mundo ficou conhecendo a legitimação do levante por conta da disponibilidade e a facilidade de se conseguir acessar as páginas eletrônicas. Eis aí um poderoso artefato para conseguir angariar cada vez mais apoio da opinião pública nacional e internacional como vimos anteriormente.

Ao reiterar que os insurgentes indígenas desejam reformas políticas e sociais, vale frisar que a tomada ao poder não é seu objetivo. Portanto, o uso do recurso eletrônico nada mais significa que é uma forma de mostrar seu protesto em face ao Estado, e não uma estratégia para acumular forças para a tomada do poder. Ou seja, não é introjetar a revolução aos moldes do pensamento guevarista, mas sim reafirmar a identidade social e capitanear cada vez mais setores desatendidos em outras lutas⁴⁵. Portanto é válido

⁴⁵ Leyva Solano, Xochitl. 2001. "El Neo-Zapatismo: De Guerrilla a Social Movement Web." Pp. 725-747 in *La Guerrilla en las Regiones de Mexico, Siglo XX*, Oikon, Veronica and Marta Eugenia Ugarte (eds). Mexico, DF: CIESAS y El Colegio de Michoacan. p. 726.

mencionar que as relações zapatistas começaram em suas relações diretas e pessoais, no cotidiano, mas muito se deve ao seu somar de forças ao uso da rede mundial.

Em tempos de conflito, ou da chamada de doutrina de Segurança Nacional, é extremamente comum lançar mão do controle da informação. Quem não se lembra da censura em tempos de ditadura no Brasil e da omissão das mortes de soldados americanos no Vietnã? E o que faria o México diferente dessas realidades? Absolutamente nada. O México que tanto fez catapultar-se em direção ao pleno desenvolvimento e contando com a ditadura de um partido que jaz no poder desde 1929, também promovia diversas vezes à manipulação da informação. Como já mencionamos anteriormente, o PAN aplicou uma postura tão semelhante quanto o PRI, a fraude eleitoral. A Televisa, principal rede de televisão e compactuante com governo, publicava em seus quadros as falas de tentativas de diálogos de paz do governo – com a finalidade de impedir a retirada do capital internacional - escondendo as ofensivas militares perpetradas pelo governo. Enquanto os jornais da Televisa mostravam o total controle do Estado em face aos insurgentes, o EZLN fazia uso da Internet mostrando a realidade e os ataques sofridos por eles, quebrando o monopólio da informação da rede de televisão tanto pela Internet quanto da aproximação de meios de comunicação internacionais que se dirigiram para a Lacandona⁴⁶.

Outro fator que contribuiu para solapar as bases do controle da informação da realidade mexicana foi à presença maciça de organismos internacionais, como a Cruz Vermelha. A Primeira Declaração da Selva Lacandona convoca para a vigilância os órgãos, principalmente para a proteção da sociedade civil. Outros atores importantíssimos foram as Organizações dos direitos humanos e a Anistia Internacional, fiscalizando de perto as relações entre Estado e insurgentes. Os relatórios emitidos por esses órgãos colaboraram muito para desmascarar o governo, alimentando que a via do diálogo estava em vigor, porém os relatórios destes organismos mostravam uma outra realidade, assim como os vídeos lançados na Internet pelos zapatistas. A tentativa de esconder da opinião pública os acontecimentos em Chiapas pode ser visto na visita de Salinas de Gotari ao local, na intenção de forjar uma falsa realidade, mas a presença dos organismos convocados na Declaração Lacandona promove a verdadeira realidade;

⁴⁶ ORTIZ, Pedro Henrique Falco. *Das montanhas mexicanas ao ciberespaço*, 2005. <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/11.pdf>, 25 de junho de 2010. 12:45 PM.

O Departamento de Estado está aguardando os relatórios da Comissão Nacional de Direitos Humanos mexicana, que também viajou para Chiapas, e de entidades internacionais que enviaram representantes à área. Os funcionários americanos insistem que o governo de Salinas de Gotari se comprometeu a agir com cautela para evitar abusos e atrocidades por parte da polícia e das tropas do exército encarregadas de reprimir os guerrilheiros.⁴⁷

A visita ocorreu no mesmo dia em que a Anistia Internacional acusou as forças de segurança do México de abusos dos direitos humanos na repressão à insurreição, incluindo torturas, assassinatos, prisões arbitrárias e ataques a civis. Uma delegação da organização que visitou a Chiapas entre 18 e 22 de janeiro recebeu informações de dezenas de tortura, pelo menos nove execuções, 15 assassinatos suspeitos e numerosas prisões arbitrárias durante a violenta ofensiva para esmagar os rebeldes.⁴⁸

Se a Internet e as instituições internacionais faziam a circulação das informações mostrando as atitudes paradoxais do governo mexicano e os crimes contra a humanidade, outra principal fonte de erosão do governo foi a declaração dada em juízo por uma guerrilheira zapatista. As denúncias dadas por Maria Gloria Benavides, ou comandante Elisa, alegando ter sofrido torturas para revelar a identidade do subcomandante Marcos estremeceu a opinião pública internacional. De acordo com Maria Benavides, seus olhos foram vendados, sendo conduzida no chão do carro e mantida isolada, sofrendo tortura e seu julgamento fora dado através de grades e de um vidro de proteção⁴⁹.

Se o levante ficou sendo notório e de conhecimento público, neste sentido podemos mencionar que este ponto foi o primeiro ponto de sucesso do zapatismo ao mostrar para o mundo suas mazelas pelas cadeias televisivas internacionais, ao contrário de muitos outros levantes que apareceram nos jornais, mas como notícia de terem sido derrotados pelas forças do governo. Devido a sua exposição através da marcha, os indígenas chamaram a atenção do espectador e ganharam a projeção advinda das câmeras de vídeo e as manchetes dos principais jornais. Se o uso da grande rede foi um trunfo muito bem utilizado, o velho meio midiático serviu de força propulsora do movimento já colaborando para a perda do controle da informação.

⁴⁷ Jornal do Brasil. 9 de janeiro de 1994. p. 19.

⁴⁸ Jornal do Brasil. 26 de janeiro de 1994. p. 15.

⁴⁹ Jornal do Brasil. 12 de fevereiro de 1995. p. 16.

Ao se falar de relações humanas, devemos levar em consideração que a sociedade pertence a um meio e é fruto de seu tempo. Ou seja, o uso das estratégias são reelaboradas com passar do tempo, então quando se fala que o ativismo e a militância esta morta isto é uma inverdade. O ativismo e a militância que se construíram ao longo do século XX, essa sim naufragou dando lugar aos moldes dos novos tempos. Já não há mais lugar somente para piquetes, isto só não basta. Os novos tempos trazem com eles novas tecnologias que fizeram os laços de aliança aos neozapatistas quebrarem as fronteiras do Estado-nação, esses laços se estendem para apoio de ONGS espalhadas pelo mundo⁵⁰.

Para além da criação de um exército insurgente e de uma bandeira, a legitimação do EZLN se dá pela criação de uma página eletrônica que expõem para todos não só suas declarações, mas também seus projetos sociais que recebem apoio de múltiplas organizações de variadas partes do mundo. O uso da Internet coloca em contato direto pessoas que nunca sequer colocaram seus pés no México, mas que se sensibilizaram com a realidade chiapaneca ou se julgam simpatizantes ao movimento por se sentirem parte de alguma minoria em seu território.

O braço armado e o uso da informática interligada fizeram com que o intelectual mexicano Carlos Fuentes analisasse os neozapatistas como a primeira guerrilha da era pós-moderna. Não muito explorado, todavia com um valor demasiadamente amplo, foi a mídia alternativa. A circulação de panfletos e jornais impressos serviu de grande meio para permear as idéias e intenções do EZLN, sendo assim mais um inimigo contra o controle da informação feita pelos aparelhos ligados ao Estado do México.

O uso do ciberespaço em favor do EZLN é um marco importante para analisar as relações sociais entre pessoas da mesma identidade social, política, cultural ou econômica. Se o uso da rede serviu para a denúncia e o descaso, ela também já serviu para o planejamento de organizações terroristas colocarem em prática seus objetivos, haja vista o 11 de setembro de 2001. Portanto a informática atualmente está inserida na maioria das relações sociais deste mundo globalizado fazendo com que toda informação passe por ela, sendo um espaço de reivindicações ou planejamentos terroristas. E para quebrar com essa livre circulação de dados e informações, o aparato estatal repressor e controlador das informações terão que se reenquadrar diante desta nova realidade.

⁵⁰ SHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. In Sociedade e Estado. Brasília. v. 21. n.1. pp. 109-130. jan/abr. 2006. p. 121.

Conclusão

De certa forma a resposta para a pergunta que dá o tema para o trabalho, já se encontra respondida. Poderíamos ter findado nossa escrita analítica no capítulo anterior, mas acreditamos que reafirmar a idéia de que o movimento zapatista não se faz uma opção para as esquerdas do início do novo milênio. Ao observar a caminhada das esquerdas americanas, sobretudo quando pegaram em armas, assistimos as guerras de focos e principalmente a fala de tomada ao poder, ou seja, uma via revolucionária.

O movimento social de Chiapas, embora tenha a pecha de ser mais uma guerrilha de traço revolucionária, verificamos de acordo com as fontes e com as práticas do EZLN que sua visão e objetivo não é tomar o poder. Sua postura, embora com armas em punho para se defenderem das investidas militares, é de moralização política, distribuição das riquezas e respeitabilidade para com a cultura indígena. Outro fator que nos orienta a mencionar que os zapatistas não podem ser considerados uma opção para a esquerda é de não haver filiação aos partidos de esquerda e muito menos promover propaganda de ideologias de viés socialista.

O último argumento que matiza a conclusão para o apontamento para o caráter particular do levante é que, desde 1994 até os dias atuais, não se viu nenhuma investida para um golpe ou derrubada do governo. O conflito nasceu sob o governo de Salinas de Gotari, passou para Ernesto Zedillo, que fora sucedido por Vicente Fox e hoje se encontra em conflito com o governo de Felipe Calderón. Já no início do governo Calderón (2006), o novo presidente mostrou que seria um combatente ferrenho do EZLN e um dos seus primeiros atos como governante foi elevar os salários dos militares. Enquanto outros presidentes tentaram maquiagem as atuações do Exército Federal, Calderón deixou bem claro seu desejo de aniquilar a insurreição e promoveu com destaque o avanço de grupos paramilitares como a Organização para a Defesa dos Direitos Indígenas e Camponeses (Opddic), que embora tenha um nome sugerindo a proteção do povo de Chiapas, seu objetivo é justamente desmantelar a rebelião que tem por liderança o próprio povo chiapaneco que reivindica a proteção e melhorias de vida que partam do Estado. Mesmo diante de todas as ações impetuosas de repressão, não há nenhum sinal de tentativa derrubada de poder via o modo da insurreição que fosse perpetrada pelo EZLN, por isso, não consideramos o movimento como uma nova opção ou modelo para as esquerdas.

Referências bibliográficas

ARELLANO, Alejandro Buenrostro. As raízes do fenômeno Chiapas. O já basta da resistência zapatista. Ed Alfarrábio, SP.2002.

GENNARI, Emilio. Chiapas as comunidades zapatistas reescrevem a história. Ed Achiamé, RJ. 2002

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite - Movimentos sociais na América Latina, 1987. Disponível em: <http://www.anpocs.br/portal/publicacoes/ibcs03_02.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2010.

DIERTELEN, Paulette. Sobre el liberalismo y comunitarismo: la polémica em México. In: **México en el siglo XX** – Tomo I. Archivo General de la Nación. México, 1999

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de - A guerra é o espetáculo origens e transformações do EZLN. Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Unicamp, São Paulo. 2003.

LEYVA SOLANO, Xochitl. “El Neo-Zapatismo: De Guerrilla a Social Movement Web.” OIKON, Veronica e URGATE, Marta Eugenia (Orgs). In: La Guerrilla en las Regioenes de Mexico, Siglo XX, Mexico, DF: CIESAS y El Colegio de Michoacan. 2001.

ORTIZ, Pedro Henrique Falco. Das montanhas mexicanas ao ciberespaço, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/11.pdf>>. Acesso em: 25 de junho de 2010.

SHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. In **Sociedade e Estado. Brasília**. v. 21. n.1. pp. 109-130. jan/abr. 2006.

